

TDAH NO CONTEXTO ESCOLAR E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

Lenilda Oliveira da Silva*

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo geral verificar como a escola pode contribuir pedagogicamente para um melhor desempenho de alunos que possuam TDAH. Delimitam-se como objetivos específicos: conhecer as características deste transtorno; analisar quais as dificuldades que os portadores de TDAH enfrentam no seu cotidiano escolar; refletir sobre como melhorar, esclarecer e ajudar cada profissional a lidar com o aluno hiperativo. Destarte, a justificativa deste trabalho é para mostrar a importância de um tratamento para os disléxicos, embasada no caminho em que o psicopedagogo poderá intervir no ensino-aprendizagem através de estudos elaborados e métodos direcionados as dificuldades apresentadas canalizando o aluno ao entendimento. Trata-se de uma revisão bibliográfica. Para o levantamento dos artigos, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico com os seguintes descritores: aprendizagem; prática pedagógica; transtorno de déficit de atenção e hiperatividade no período compreendido entre 2017 a 2022. As práticas pedagógicas para TDAH sugeridas neste estudo vêm ao encontro de uma educação inclusiva efetiva, séria e dinâmica. No entanto, para que tais práticas se efetivem de fato, que tenham sucesso e sirvam de auxílio ao professor em sala de aula e para a escola como um todo, a equipe docente necessita utilizar-se de diálogo constante, planejamento e “cumplicidade” nas ações cotidianas escolar.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Prática Pedagógica. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

ABSTRACT

The present article had as general objective to verify how the school can contribute pedagogically to a better performance of students who have. They are delimited as specific objectives: to know the characteristics of this disorder; to analyze the difficulties that TDAH carriers face in their school routine; reflect on how to improve, clarify and help each professional to deal with the hyperactive student. Thus, the justification for this work is to show the importance of a treatment for dyslexics, based on the way in which the psychopedagogue can intervene in teaching-learning through elaborate studies and methods directed at the difficulties presented, channeling the student to understanding. This is a bibliographic review. For the survey of articles, a search was carried out in the following databases: Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Google Scholar with the following descriptors: learning; pedagogical practice; attention deficit hyperactivity disorder in the period between 2017 and 2022. The pedagogical practices for TDAH suggested in this

* Lenilda Oliveira da Silva - Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales.-. e-mail: klinhokravana@hotmail.com

study are in line with an effective, serious and dynamic inclusive education. However, for such practices to be effective, to be successful and to help the teacher in the classroom and for the school as a whole, the teaching team needs to use constant dialogue, planning and “complicity” in the activities.

Keywords: Learning. Pedagogical Practice. Attention Deficit Hyperactivity Disorder.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) tem-se mostrado uma preocupação recorrente na sociedade atual, em especial no ambiente escolar, e em função disso o tema tem despertado crescente interesse entre especialistas e pesquisadores de diferentes campos do conhecimento (RICHTER, 2017).

Nos últimos anos, o número de crianças e adolescentes portadores desse transtorno tem aumentado. Para agravar a situação, muitos professores se recusam a aceitar que esse transtorno existe, preferindo rotular tais alunos de “indisciplinados”, “mal-educados” e “preguiçosos”, recusando-se a adaptar sua metodologia de ensino para ajudá-los (Ballone, 2017).

O desafio de ensinar alunos com TDAH é grande, tanto para o professor, quanto para a família, tendo em vista que esse transtorno afeta o desempenho do aluno não somente no ambiente escolar, mas em os ambientes durante todos os anos de sua vida. Desse modo, o aumento de alunos com TDAH em sala de aula traz a necessidade de se compreender como a atuação do professor pode ser relevante para que esses alunos consigam concluir sua escolaridade com sucesso (Argolo, 2018).

Tendo em vista o número elevado de alunos com TDAH diagnosticado que ingressam nas escolas atualmente, e as dificuldades que os professores têm de lidar e aceitar esses alunos, bem como de adaptar sua metodologia para que os mesmos tenham melhor rendimento escola, o presente estudo parte da seguinte problemática: Quais estratégias podem ser utilizadas pela escola para minimizar a questão do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade?

Com base na problemática exposta, delimitou-se como objetivo geral verificar como a escola pode contribuir pedagogicamente para um melhor desempenho de alunos que possuam transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Delimitam-

se como objetivos específicos: conhecer as características deste transtorno; analisar quais as dificuldades que os portadores de TDAH enfrentam no seu cotidiano escolar; refletir sobre como melhorar, esclarecer e ajudar cada profissional a lidar com o aluno hiperativo.

As evidências científicas sugerem que um grande número de alunos possui características que requerem atenção educacional diferenciada. Assim, é necessário discutir sobre a relevância da formação do psicopedagogo despertando para a necessidade de se buscar um atendimento de qualidade e consciente de que os processos de ensino e de aprendizagem são únicos e apresentam formas distintas. Destarte, a justificativa deste trabalho é para mostrar a importância de um tratamento para os disléxicos, embasada no caminho em que o psicopedagogo poderá intervir no ensino-aprendizagem através de estudos elaborados e métodos direcionados as dificuldades apresentadas canalizando o aluno ao entendimento.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica. Para o levantamento dos artigos, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. Delimitou-se o estudo com os seguintes descritores e suas combinações na língua portuguesa: aprendizagem; prática pedagógica; transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Para critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos que contemplassem o tema proposto, publicados em português, no período compreendido entre 2017 a 2022. Foram excluídos artigos que estão fora da data estipulada de publicação, resumos de anais de eventos e com resultados parciais de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE/IMPULSIVIDADE (TDAH)

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é definido por Louzã Neto et al., (2017, p. 239), como um “comprometimento neurocomportamental

caracterizado por desatenção e hiperatividade/impulsividade que, frequentemente, resulta em prejuízo funcional”.

A primeira descrição médica detalhada do TDAH surgiu em 1902 com o trabalho do pediatra George Frederick Still (1868 – 1941), através da observação de crianças que apresentavam um “defeito permanente ou temporário do controle moral”, nas quais associou esse “defeito” a algum distúrbio cerebral. Nas décadas de 1930 e 1940 foi utilizado o termo “lesão cerebral mínima” e posteriormente, nas décadas de 1950 e 1970, “disfunção cerebral mínima”, além da expressão “síndrome hipercinética” (Louzã Neto, et al., 2017).

O que parece estar alterado nesta região cerebral é o funcionamento de um sistema de substâncias químicas chamadas neurotransmissoras (principalmente dopamina e noradrenalina), que passam informações entre as células nervosas/neurônios (ABDA). Contudo ainda não existem dados conclusivos sobre a etiologia do TDAH considerando uma origem multicausal para o transtorno. Entre as variáveis já averiguadas para as modificações dos neurotransmissores estão a hereditariedade, fatores gestacionais e funções executivas (Richter, 2017).

Acredita-se que os genes possam ser responsáveis pela predisposição ao TDAH, sendo esta relação sugerida a partir de observações e pesquisas realizadas com famílias portadoras de TDAH. Estas pesquisas verificaram que crianças portadoras do transtorno, possuem em sua família, parentes também afetados com TDAH. A prevalência da doença entre os parentes das crianças afetadas é cerca de 2 a 10 vezes mais do que na população em geral, isto é chamado de recorrência familiar (Abda) (Reis, 2018).

Segundo afirmam Ballone (2017, p. 41), “não há um único gene para o TDAH, mas vários que combinados, acarretam vulnerabilidade para o desenvolvimento do transtorno”. Acredita-se que os genes possam ser responsáveis pela predisposição ao TDAH, sendo esta relação sugerida a partir de observações e pesquisas realizadas com famílias portadoras de TDAH. Estas pesquisas verificaram que crianças portadoras do transtorno, possuem em sua família, parentes também afetados com TDAH.

Alguns fatores que ocorrem da gestação ao nascimento da criança podem desencadear o surgimento do TDAH. Segundo Ballone (2017), no período pré-natal “há variáveis maternas como infecções congênitas, intoxicações, hemorragias e doenças crônicas que podem alterar o sistema nervoso fetal”. Os fatores Peri-natais

ocorrem durante o trabalho de parto, tanto por causa materna, do feto ou do próprio parto como, por exemplo, hipóxia, baixo peso ao nascer, prematuridade entre outras. No período pós-natal podem ocorrer fatores como infecções do sistema nervoso, acidentes vasculares cerebrais e traumatismo cranioencefálicos (Schmitz et al., 2017).

Segundo Argolo (2018) crianças e adolescentes diagnosticados com o Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, apresentam geralmente as seguintes queixas: dificuldades para tomar iniciativas, planejar, estabelecer metas e prioridades e dificuldade para se organizar. O psicopedagogo com todo o seu estudo e treinamento deve ficar atento a esses aspectos para observar as dificuldades e intervir.

Ao longo do desenvolvimento, o TDAH está associado com um risco aumentado de baixo desempenho escolar, repetência, expulsões e suspensões escolares, relações difíceis com familiares e colegas, desenvolvimento de ansiedade, depressão, baixa auto-estima, problemas de conduta e delinquência, experimentação e abuso de drogas precoces, assim como dificuldades de relacionamento na vida adulta, no casamento e no trabalho, a longo prazo (REIS, 2018).

3.2 DESEMPENHO ACADÊMICO DE ALUNOS COM TDAH

Sabe-se que a educação integral vê o indivíduo filogenética (espécie) e ontogeneticamente (ser), entendendo o indivíduo como integrante da espécie humana, genealogicamente, com herança genética e cultural (valores sociais), inserido num momento histórico, dotado de características (potencialidades e dificuldades) e nesse estudo deu-se ênfase ao enfoque educacional, direcionado a escolaridade (Richter, 2017).

Para Argolo (2018), a maioria das crianças é agitada, o que é considerado normal e, portanto, não quer dizer que elas precisem de tratamento. Para entendermos quando a agitação extrapolou os limites, é preciso verificar a repercussão que tal conduta está trazendo para a vida da criança, tanto na escola, quanto no contexto familiar e no círculo de amizades.

É o caso da criança agitada que não consegue fazer as refeições sentada à mesa e que, na escola, não segue as regras nem pára quieta no lugar a ponto de a professora não dar conta da classe e desse aluno ao mesmo tempo. Desse modo,

ela se transforma no problema da família, cuja dinâmica se concentra em como lidar com essa criança impulsiva e inquieta (Argolo, 2018).

Segundo Reis (2018, p. 33) "A hiperatividade toma-se relevante quando interfere na capacidade de aprendizado da criança e quando deteriora a relação entre pais e filhos". Entretanto, como consequência da inabilidade das pessoas em interagir com tais dificuldades, e da inadaptação ao processo acadêmico formal, exigido para a idade, o aluno passa a ter uma conduta inapropriada, podendo ir a níveis comprometedores, até mesmo com relação à sua permanência na escola.

Sob a ótica da educação integral, os familiares dos educandos com déficit de atenção / hiperatividade, podem, querem e devem participar. E, os profissionais da educação e da saúde devem ajudá-los nessa tarefa, prestando-lhe informações, orientações e fazendo-os sentirem-se partes integrantes e indispensáveis desse processo global (Barkley; Benton, 2017).

No que se refere à aprendizagem escolar, para crianças com Déficit de Atenção/Hiperatividade, o comprometimento se origina do excesso de atividade de forma desorganizada e pelo distúrbio atencional, agravando-se por fatores de ordem emocional. Tais características intensificam-se em situações de grupo, gerando problemas em seu processo de aprendizagem, a não ser quando encontram, no sistema educacional, respostas e limites às suas necessidades especiais (Ballone, 2017).

Uma das características apresentadas por essa clientela, que pode ocasionar sérios prejuízos é a questão do trato relacional. A inquietude em si mesma pode ser motivo de preocupação, quando há contínuo movimento, age e reage de acordo com seus impulsos, espontaneamente, como se deixando levar, manifestando ansiedade, impaciência e desconcerto. Em virtude de sua agitação, excitação, impulsividade, alvoroço, desobediência e teimosia, essa conduta lhe causa problemas (Richter, 2017).

Na escola convencional não há lugar para aluno que se distrai facilmente, que muda de atividade sem terminar as demais, que incomoda seus colegas, falando muito, e, às vezes assuntos fora do contexto, não se submete às atividades e horários propostos, que se interessa por atividades perigosas, colocando em risco sua vida e a de seus colegas e se apresenta para a comunidade escolar como líder negativo (Joffe, 2013).

O escasso rendimento acadêmico destas crianças cria sérios problemas, tanto para os professores, quanto para os pais. Todavia, além disso, professores e pais cansam-se dessas crianças, não sendo capazes de suportá-las nem um momento mais, ficando no limiar de suas tolerâncias. Daí advém castigos, incompreensão, violência, que alimentam a baixa auto-estima e a conduta hiperativa, em um ininterrupto círculo vicioso (Schmitz et al., 2017).

A escola não tem competência para fazer com que essas crianças aprendam o que ela se propõe a lhes ensinar, na forma, no conteúdo, no tempo e no espaço escolar. O papel do professor nesses casos é de fundamental importância, uma vez que as habilidades sociais constituem fator decisivo, para uma vida de êxito, além da criatividade de educadores competentes, interessados, que desejem construir relação professor - aluno produtiva, construtiva e transformadora dos ambientes escolares (Reis, 2018).

Um dos pontos mais marcantes que a criança com TDAH apresenta em sala de aula é a falha no funcionamento produtivo das tarefas, ou seja, a criança quase nunca consegue terminar as tarefas escritas. E isso não tem nada a ver com a inteligência da criança. Em suma, a dificuldade de atenção, intensifica-se em situações de grupo, dificultando a percepção seletiva de estímulos relevantes, a organização, estruturação e execução adequada das tarefas (Ballone, 2017).

Durante as leituras sobre a temática em estudo, observa-se que alguns autores situam a dificuldade dessas crianças na falta de concentração, no tempo reduzido que permanecem com sua atenção voltada para um único objetivo, dificultando assim a aprendizagem formal ofertada nas escolas regulares. Esse é um problema sério a ser enfrentado (Barkley; Benton, 2017).

De todos os estímulos que chegam à pessoa num determinado instante, apenas alguns são organizados e percebidos. Esses para os quais a pessoa está voltada ocupam o primeiro lugar na sua atenção. Outros, ou seja, aqueles que não são percebidos, ou os são de forma confusa, são colocados em segundo plano, na periferia da atenção (Schmitz et al., 2017).

Assim sendo, a atenção é um fenômeno psíquico, no qual a vontade pode dirigir o foco atencional. Apesar de que depende também de como irão se processar os impulsos eletrofisiológicos produzidos pelo organismo. Dessa forma, uma pessoa poderá estar envolvida numa tarefa a tal ponto de não escutar o telefone tocar, por exemplo (Richter, 2017).

Entretanto, algumas das atividades que já se tomaram automatizadas, não impedem a atenção em outras. Exemplo: Pode-se dirigir automóvel e conversar. Contudo, se a ação requer toda a concentração, qualquer estímulo estranho a perturba, quanto à canalização dos impulsos nervosos (Barbosa, 2018).

Com essa afirmação, chega a se explicar as dificuldades pelas quais passam essas crianças, no, percurso da aprendizagem. Sua atenção não consegue priorizar o conteúdo acadêmico. Recebe todos os estímulos presentes numa sala de aula normal (alunos conversando, barulhos externos, estímulos visuais), com o mesmo nível de atenção. Tudo passa a ser prioridade, ao mesmo tempo em que tudo parece desorganizado e confuso (Schmitz et al., 2017).

Portanto, a atenção conforme Argolo (2018), é requisito imprescindível para a aprendizagem, pois é entendida como a capacidade de concentrar-se em atividades solicitadas, elegendo entre os estímulos presentes o que é importante, inibindo outros que constituem a distração. Nesse pensamento, as crianças devem ser capazes de realizar suas tarefas escolares mesmo recebendo certa carga de distração, como por exemplo: alguns colegas falando, outros levantando, etc (Barbosa, 2018).

Desse modo, a atenção desenvolve-se de forma gradativa até se produzir um grande aumento, por volta dos doze ou treze anos. Já, as crianças com distúrbio de atenção, apresentam semelhança às menores, no que se refere à capacidade para manter atenção seletiva (Correia; Linhares, 2018).

Entretanto, Argollo (2018, p.65), vai mais a fundo na problemática, apresentando uma teoria sobre as crianças em questão. Diz que elas sofrem um atraso no desenvolvimento da atenção seletiva, e que dessa forma dificulta as funções de memorização e organização do conhecimento.

E, embora estas crianças amadureçam posteriormente, continuarão tendo problemas, porque não terão aprendido ou consolidado aquisições anteriores mais simples. Dessas depende a passagem para outras de um nível mais complexo. Afirma, ainda, que a hiperatividade e a impulsividade são conseqüências do transtorno de atenção (Reis, 2018).

Outras dificuldades existem na produção e uso de estratégias como: organização e planejamento do trabalho, discriminação entre o que é ou não relevante numa tarefa, transferência e aplicação do conhecimento prévio em outras situações. A criança com TDAH costuma não reagir às intervenções normais dos

professores, ou seja, o que funciona para uma criança sem TDAH, não funciona para a criança com TDAH, esta exige sempre uma adaptação do professor em seu método e estilo de ensinar (Barkley; Benton, 2017).

A impressão que a professora também tem é de que a criança vive no mundo da lua, ou ainda, que não tem motivação para nada. Como se pode observar, em consequência de ocorrer dificuldades na produção e evocação de estratégias da aprendizagem, elas rendem menos, academicamente, que outras crianças, merecendo atenção especial, principalmente dos educadores (Reis, 2018).

Os pais e educadores devem estar atentos, observando os comportamentos e as reações do aluno frente ao fracasso, pois pode ocorrer um aumento no nível de distúrbio de comportamento, como por exemplo, a hiperatividade. A hiperatividade é difícil de medir e definir. Os alunos definidos como hiperativos sofrem de inquietação, excesso de atividade, excitabilidade e desorganização. Podem ser impulsivos e agressivos. Os pais de alunos hiperativos geralmente supõem que seus filhos sejam altamente inteligentes e precisem expandir suas mentes (Argollo, 2018).

Quando se detecta que inúmeros comportamentos do aluno são decorrentes de sua dificuldade na escola, é possível elaborar um programa eficaz para o seu bom desenvolvimento, antes de encaminhá-lo para educação especial, mais especificamente para a classe especial (Barkley; Benton, 2017).

O diagnóstico é um processo contínuo (identificação, atendimento, acompanhamento e encaminhamento, se necessário) e deverá ser norteado por um referencial teórico, agindo através da interdisciplinaridade, isto é, todas as categorias profissionais envolvidas devem embasar seus trabalhos numa concepção teórica, havendo uma unidade de pensamento, uma vez que o sujeito é único. É necessário ter como objetivo principal, o desenvolvimento global e harmonioso do aluno, devendo buscar as suas potencialidades e possibilidades nesse processo (Richter, 2017).

3.3 ESTRATÉGIAS ESCOLARES PARA ALUNOS COM TDAH

A aprendizagem pode ser definida como novos conhecimentos desenvolvidos ao longo do tempo e que são moldados a cada aprendizado, ou podemos dizer a cada descoberta. Nas idéias de Ballone (2017, p. 292) "É adquirir primeiro e

conservar depois. Além disso, se pode perguntar acerca do nexos existente entre o que se aprendeu e a utilização que se pode dar depois”.

Existem tratamentos que auxiliam na estimulação do cérebro por isso a importância do tratamento o mais cedo possível, sendo assim, poderá trazer para o educando uma perspectiva, pois o mesmo poderá ter tanto sua autoestima como sua autoconfiança aumentada e poderá evitar outros transtornos emocionais (Ballone, 2017).

O prejuízo funcional do TDAH é fruto da dificuldade em utilizar estratégias compensatórias para lidar com as limitações que o transtorno gera no decorrer do desenvolvimento (alterações neuropsiquiátricas, sentimentais, experiência vicária, pensamentos e crenças). Os problemas com a organização e o planejamento envolvem dificuldades em sair do processo de imaginação e conseguir ter um pensamento mais lógico, conseguindo assim terminar as tarefas do dia a dia, sendo um aspecto que muito dificulta as crianças na escola. (Schmitz et al., 2017).

Reis (2018) enfatiza que cada pessoa tem um estilo de aprendizagem, por isso a avaliação pedagógica deve visar identificar esse estilo em cada aluno, mapeando os recursos mais eficazes para a aprendizagem, com o intuito de resgatar a relação do aluno com o ato de aprender.

Entre vários métodos para auxiliar uma criança com TDAH pode-se utilizar os jogos, pois, proporcionam prazer e diversão que faz com que a criança tenha interesse em aprender cada vez e isso facilita a comunicação entre psicopedagogo e aluno. Ao analisar a forma com que a criança joga podemos saber quais são as dificuldades que a criança possui (Hora; Silva; Ramos, 2018).

Como ferramenta de apoio pedagógico, o jogo é muito eficaz, oferecendo muitas possibilidades de intervenções, favorecendo o desenvolvimento corporal, estimulando a inteligência e contribuindo para a inserção deste aluno no grupo e na sociedade em que vive. Os jogos também auxiliam na construção do processo de ensino-aprendizagem, onde o aluno entende o enunciado, exercita e aprende de maneira natural, proporcionando ao psicopedagogo, a possibilidade de se avaliar todo o ciclo de construção deste conhecimento, fazendo um diagnóstico real do que de fato este aluno aprendeu (Schmitz et al., 2017).

Segundo Reis (2018) algumas condições devem ser observadas pois podem estar afetando os portadores de TDAH. O psicopedagogo, bem como os demais integrantes da escola devem se atentar para os fatores físicos, ou seja, aqueles

fatores internos que podem levar à criança a ter maiores dificuldades, como cansaço, fome, desconforto físico, etc.

Outros pontos importantes a serem observados são o ambiente escolar, a posição que a carteira da criança ocupa na sala de aula, se existem barulhos que podem incomodar e afetar a atenção, inclusive se está ocorrendo ou ocorreu algum evento que frustrou a criança, bem como se há o respeito dos outros colegas em relação a ela. Tudo isso deve ser observado e se identificado, soluções devem ser buscadas (Schmitz et al., 2017).

Segundo Ballone (2017) a observação da criança no pátio é muito importante, pois pode complementar a observação realizada em sala de aula. O profissional pode entender quais são as atitudes e os tipos de relações que a criança estabelece quando não há uma atividade preestabelecida e nem adultos por perto colocando limites. É importante observar como a criança brinca, como se comporta durante os jogos: se é participava, agressiva, tolerante, submissa, líder, etc.

Ballone (2017) informa, ainda, que existem histórias que podem ser contadas ou lidas pela própria criança, nas quais a mesma pode identificar o que está vivendo e salientar o que é diferente na vida dela. Além disso, o autor enfatiza que todo o processo de conscientização da criança deve ser feito utilizando-se uma linguagem clara e com vocabulário adequado e compatível com a idade desta. É importante que a criança se torne um participante ativo no processo de tratamento.

Estratégias de auto-controle, como técnicas de relaxamento, respiração profunda, resolução de problemas, auto-monitoramento podem ser bastante eficazes. As dificuldades acadêmicas, de comportamento e de relacionamento social também devem ser trabalhadas com palestras e dinâmicas (Hora; Silva; Ramos, 2018).

É de grande valia trabalhar com matérias lúdicas, pois facilitam a interação e entendimento das crianças. A presença da ludicidade no processo da aprendizagem é de fundamental importância, principalmente quando se trata de criança. Podemos dizer que ela envolve o universo da brincadeira, do jogo, do brinquedo e da própria atividade lúdica (Rohde; Trentini, 2017).

O auxílio nas atividades, na organização dos afazeres e pertences também contribuem para que a criança sinta segurança e confiança perante a família. Esclarecer o transtorno para a família (psicoeducação) é também um tipo de intervenção, pois eles estão no dia-a-dia com a criança e dessa forma precisam

aprender a lidar com os sintomas da mesma, estimulando-a a participar do tratamento e para que não ocorram rótulos (Hora; Silva; Ramos, 2018).

Para Reis (2018) é fato que o sucesso na sala de aula pode exigir uma série de intervenções. A maioria destas crianças pode permanecer na classe regular, com pequenas intervenções no ambiente estrutural da escola, modificação de currículo e estratégias adequadas à situação. Somente crianças com problemas muito mais sérios podem exigir sala de aula especial. Mas, antes de tudo, é necessário encaminhar o portador de TDAH para um tratamento adequado, pois é um transtorno que tratado adequadamente promove uma resposta fantástica (Reis, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A par dos conteúdos abordados, pode-se concluir os objetivos propostos no trabalho foram elucidadas com êxito, uma vez que os resultados da pesquisa permitiram inferir que as práticas pedagógicas para TDAH sugeridas neste estudo vêm ao encontro de uma educação inclusiva efetiva, séria e dinâmica. No entanto, para que tais práticas se efetivem de fato, que tenham sucesso e sirvam de auxílio ao professor em sala de aula e para a escola como um todo, a equipe docente necessita utilizar-se de diálogo constante, planejamento e “cumplicidade” nas ações cotidianas escolar.

Ademais, foi possível observar no presente estudo que os professores enfrentam inúmeras dificuldades, entre eles, o pouco conhecimento sobre os sintomas, a falta de formação específica para atuar junto a esses alunos, o que impede uma atenção mais dirigida.

Desse modo, o professor e todos os atores que integram a escola precisam, antes de mais nada, conhecer seus alunos para poder planejar o que fazer durante o período escolar. Todas as estratégias propostas valem a pena serem experimentadas, mas só serão realmente eficazes se adequadas ao grupo a que se destinam.

O presente trabalho procurou explorar uma pequena ponta desse iceberg que é o Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade, portanto esta pesquisa mais do que identificar e orientar os acadêmicos portadores de TDAH pretende abrir

novas possibilidades de estudos nessa temática que é tão pouco abordada nos campos de pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manuel de diagnóstico e estatística de distúrbios e estatística de distúrbios mentais** (DSM. V). Washington. D. Americano traduzido do original americano pela editora Artes Médicas. 2011.
- ARGOLLO, Nayara, Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade: aspectos neuropsicológicos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, p. 197-201, 2018.
- BALLONE, Geraldo José. **Déficit de Atenção: diagnóstico**. São Paulo, Atlas, 2017.
- BARBOSA, Rui Sousa. O Olhar da Psicopedagogia para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: TDAH. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 08, Vol. 04, pp. 86-99, Agosto de 2018.
- BARKLEY, Russell A.; BENTON, Christine M. **Vencendo o TDAH adulto**. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- CORREIA, Aparecida da Paixão; LINHARES, Tatiana Corrêa. A atuação do psicopedagogo com crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 11, n. 17, p. 141-161, Jul Dez 2018.
- HORA, A.F; SILVA, S; RAMOS, M. A prevalência do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): uma revisão de literatura. **Psicologia**, volume 29, número 2, p. 47-62, 2018.
- LACET, C; ROSA, M.D. (2017). Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 26, n.2, 231-253, 2017.
- LOUZÃ NETO, Mario Rodrigues, et al. **TDAH: ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- REIS, G. V. **Alunos Diagnosticados com TDAH: reflexões sobre a prática pedagógica utilizada no processo educacional**. Parnaíba. 2018.
- RICHTER, Bárbara Rocha. **Hiperatividade ou indisciplina? – O TDAH e a patologização do comportamento desviante na escola**. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2017.
- ROHDE, L.A; TRENTINI, C.M. Neuropsicologia do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Modelos Neuropsicológicos e Resultados de Estudos **Empíricos Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 573-582, set./dez. 2017.
- SCHMITZ, M; et al. TDAH: remissão na adolescência e preditores de persistência em adultos. **Jor. bras.psiquiater**, Rio de Janeiro. 2017.